

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

CÁSSIO MACEDO LOPES DE AQUINO

Geografias Antifascistas: a luta contra o fascismo na geografia política

Anti-Fascist Geographies: the struggle against fascism in political geography

São Paulo

2022

CÁSSIO MACEDO LOPES DE AQUINO

Geografias Antifascistas: a luta contra o fascismo na geografia política

Trabalho de Graduação Individual (TGI)
apresentado ao Departamento de Geografia da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas, da Universidade de São Paulo,
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Manoel Fernandes de
Sousa Neto

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Aquino, Cássio Macedo Lopes de

A939t

Geografias Antifascistas: a luta contra o fascismo na geografia política / Cássio Macedo Lopes de Aquino; orientador Manoel Fernandes de Sousa Neto. - São Paulo, 2022. 49 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Antifascista. 2. Fascismo 3. Ultranacionalismo.
4. Geografia. I. Neto, Manoel Fernandes de Sousa, orient.
- II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

AQUINO, Cássio Macedo Lopes de
Geografias Antifascistas: a luta contra o fascismo na geografia política

Monografia de Bacharelado em Geografia Humana

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientador Prof. Dr. Manoel Fernandes de Sousa Neto (USP)

1º Examinador Prof. Dr. Andre Roberto Martin (USP)

2º Examinadora Profª Drª. Rogata Soares Del Gaudio (UFMG)

São Paulo, 29 de agosto de 2022

Dedico este trabalho aos meus queridos pais, Sr. Augusto Lopes de Aquino e Sra. Leni Macedo Lopes de Aquino (*in memorian*), com eterno amor, carinho e gratidão por todos os seus valiosos ensinamentos

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares pela ajuda e suporte.

Ao Prof. Dr. Manoel Fernandes de Sousa Neto, por ter acreditado em mim desde o começo.

Aos professores do Departamento de Geografia que me ensinaram nas disciplinas que estudei.

Aos colegas bacharelandos que tive a oportunidade de estudar junto.

Aos colegas de grupo de estudos pelo apoio ofertado.

“Nosso intenso trabalho de preparação, tanto dentro quanto fora do gueto, começou a dar resultados. Não tínhamos mais que convencer ninguém de que as deportações significavam morte e aniquilação. A ilusão esperançosa havia sido destruída. De suas cinzas nasceu um determinado espírito de resistência. Cada seção do gueto estava agora impregnada com a sensação de que o fim só poderia vir em uma batalha até a morte. Cada um dos quarenta mil que permaneceram vivos ardeu de impaciência para enfrentar o inimigo. Permaneciam trabalhando nas fábricas do gueto, arrastavam-se sob a forte guarda para o trabalho escravo do lado Ariano, cada pensamento, cada esperança trabalhando em uma única direção, em direção a um único objetivo – uma luta até a morte. Todos no gueto, inscritos em grupos de luta organizados ou não, pensavam apenas em armas e armas.”

GOLDSTEIN, Bernard. **Five Years in the Warsaw Ghetto**. Oakland: Nabat/AK Press, 2005.

RESUMO

AQUINO, Cássio Macedo Lopes de. **Geografias Antifascistas: a luta contra o fascismo na geografia política**. 2022. 49 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Este trabalho tem por objetivo uma sucinta produção de conhecimento científico relacionada ao fenômeno do fascismo. Uma que esteja mais vinculada à ciência geográfica, cuja relevância nas ciências sociais se permitirá adentrar o campo do fascismo de forma a compreendê-lo e combatê-lo, pois existe a necessidade de impedimento das forças fascistas cuja ideologia se arrastou no espaço geográfico após os desdobramentos da II Guerra Mundial. A compreensão de tal fenômeno está a partir das experiências bem-sucedidas entre o período de 1914-45 em países como Itália e Alemanha, além do fato de disseminação de seus ideais ultranacionalistas e movimentos partidários que reverberaram pela Europa no período citado acima e em outras regiões do globo. A importância de se combatê-lo se exemplifica no argumento de existência das sociedades fundamentadas em ideais de igualdade, liberdade, ajuda mútua e esperança, pois tais princípios orientam horizontes de produção do espaço geográfico próximos de se construir estruturas sociais provedoras do bem comum e da prosperidade de todos. A ascensão do fascismo entre as duas Guerras Mundiais do século XX foram tanto incorporações revigoradas de constituintes anteriores ao período citado para aspectos exacerbados de visões estereis de nacionalismo e mitologia racial quanto paradigmas para construções de movimentos de resistência chauvinista e partidarismos extremistas cujos conteúdos programáticos se assentaram em incursões ideológicas para justificar os diferentes antagonismos partidários que governavam alternadamente seus respectivos Estados. As manifestações extremistas desdobradas nas décadas finais do século XX e iniciais do século XXI são uma caracterização de como a ideologia do fascismo pode tanto ser a presença espiritual nos variados grupos representativos de nacionalismo extremo quanto exaltações populistas das massas que enxergam nas lideranças paliativos para as mazelas sociais que o multipartidarismo proporciona em suas investidas político-econômicas. As propostas autônomas de organização social e organizações antifascistas concêntricas são uma melhor perspectiva para o entendimento da importância de contestação geográfica no qual o fascismo deve ser degradado.

Palavras-chave: Ultranacionalismo, Fascismo, extrema-direita, Antifascismo

ABSTRACT

AQUINO, Cássio Macedo Lopes de. **Anti-Fascist Geographies: the struggle against fascism in political geography.** 49 l. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculty of Philosophy, Languages and Literature, and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

This work aims at a succinct production of scientific knowledge related to the phenomenon of fascism. One that is more linked to geographic science, whose relevance in the social sciences will allow us to enter the field of fascism in order to understand and fight it, since there is a need to prevent fascist forces whose ideology has dragged itself into the geographic space after the developments of World War II. The understanding of this phenomenon is based on successful experiences between the period 1914-45 in countries such as Italy and Germany, in addition to the fact of dissemination of their ultranationalist ideals and partisan movements that reverberated throughout Europe in the period mentioned above and in other regions of the globe. The importance of combating it is exemplified in the argument of the existence of societies based on ideals of equality, freedom, mutual aid and hope, as these principles guide horizons of production of the geographical space closer to building social structures that provide the common good and of everyone's prosperity. The rise of fascism between the two World Wars of the 20th century were both reinvigorated incorporations of constituents prior to the aforementioned period for exacerbated aspects of sterile visions of nationalism and racial mythology, as well as paradigms for constructions of chauvinist resistance movements and extremist partisanship whose programmatic contents were based on ideological incursions to justify the different partisan antagonisms that alternately governed their respective States. The extremist manifestations unfolded in the final decades of the 20th century and the beginning of the 21st century are a characterization of how the ideology of fascism can be both the spiritualized presence in the various representative groups of extreme nationalism and populist exaltations of the masses who see in the leaderships palliatives for the ills that multipartyism provides in its political-economic advances. The autonomous proposals of social organization and concentric anti-fascist organizations are a better perspective for understanding the importance of geographical contestation in which fascism must be degraded.

Keywords: Ultranationalism, fascism, far-right, anti-fascism

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AF	Action Française
DAP	Deutsche Arbeiterpartei
Gestapo	Geheime Staatspolizei
NSDAP	Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei
PKK	Partîya Karkerên Kurdistanê
PSI	Partito Socialista Italiano
SA	Sturmabteilung
SS	Schutzstaffel

Sumário

1. Introdução.....	10
1.1. Fascismo: origem e desenvolvimento	10
2. Origens do movimento fascista: estudo de casos	16
2.1 O caso Italiano	16
2.2 O caso Alemão.....	22
3. O surgimento de movimentos fascistas pelo mundo	27
4. O movimento fascista na atualidade	29
5. Fascismo e Internet.....	31
6. Conclusão	41
7. Referências	46

1. Introdução

1.1. Fascismo: origem e desenvolvimento

Para que se tenha uma compreensão mais apurada do fenômeno do fascismo parte-se tanto do fato de se perceber as motivações e engajamentos daqueles que se tornaram os precursores do fascismo em razão de suas ideologias previamente definidas quanto de se observar a movimentação político-ideológica existente no relacionamento fundamentado no fanatismo entre os precursores e a população em geral.

Quando se fala em fascismo, uma característica marcante é a da forma de se governar a partir de motivações beligerantes, além da necessidade de se tornarem concretas as aspirações das lideranças de expandir os territórios de suas nações. Fundamentalmente ultranacionalista e chauvinista, para o fascismo há uma sobreposição dos mitos e simbologias nacionais aos valores sociais da dignidade humana e respeito mútuo pela vida.

Mais ainda, aos fascistas cabe a tarefa de inundar as massas com irracionalidade para que a estrutura da sociedade possa funcionar por meio da obsessão hierárquica. Uma vez colocada em prática, a submissão a partir da hierarquia permite que se possa praticar o culto ao líder e, assim, uma homogeneização cultural é difundida e possibilita o expurgo das minorias na medida em que são tidas como inimigos internos. Dessa forma, os mitos e simbologias são priorizados em contrapartida da disseminação do medo entre a população, o que unifica o Estado e permite ao líder objetivar seus desejos de expansão territorial.

Entre os inimigos internos – e até mesmo externos – está o socialismo internacional. Considerado culpado pelas mazelas e crises nacionais, é imprescindível que os fascistas possam vencê-lo de forma a resgatar o Estado-nação da suposta decadência e ruínas. Isso se faz a partir dos toques de clarim do núcleo incendiário fascista, que cria um elo de aproximação com seus seguidores, pois a compreensão fascista da luta de classes é feita a partir dos mecanismos de controle do Darwinismo social. Tal transcendência está num movimento anti-iluminista de valores negacionistas, antidemocráticos, anticientíficos, obscurantistas, antissocialistas, antiliberais, entre outros, que lutam pela purificação e consagração no sistema político nacional através de uma ideologia sincrética.

A luta fascista pelo resgate das simbologias e mitos nacionais por meio do ultranacionalismo populista (GRIFFIN, 1993) em seu estágio primordial sucedeu-se a

partir do emprego da violência. O movimento fascista surgiu e se desenvolveu a partir disso, pois houve opositores ao fascismo que foram penalizados com a morte. Concomitante a isso, os fascistas se esforçaram para levar a visão estéril de purificação nacional de suas lideranças tanto no campo quanto nas cidades. Suas retóricas incluíam o desmantelamento da estrutura político-partidária existente ao passo que buscavam construir seus próprios movimentos partidários e sindicais para absorver os anseios da população em geral atacadas pelas duras crises provocadas na Europa.

Interessante de se verificar no decurso da história é como o fascismo e a extrema-direita mais parecem se configurar em engrenagens de um relógio político cujos mecanismos funcionam segundo a segunda dando sequência aos momentos de alternância entre liberais e conservadores – que colocou social democratas assim como radicais de esquerda como bodes expiatórios das mazelas do capitalismo – e *miraculosamente* tais engrenagens mecânicas trazem a tona em suas sequências momentos do relógio caracterizados pelas políticas da extrema-direita e, até mesmo (quem diria) da ideologia “ultranacionalista palingenética” (GRIFFIN, 1993) do fascismo.

Uma boa orientação para se encontrar as origens do movimento fascista está na asserção de Robert O. Paxton sobre os precursores deste movimento, a de que “houve palhas ao vento” (2005, p. 45). Paxton argumenta a respeito de “movimentos populares dedicados a reafirmar a prioridade da nação contra todas as formas de internacionalismo ou cosmopolitismo” (PAXTON, 2005, p. 45) já nos idos de 1880 que, em sua primeira crise global, promoveu êxodos rurais na Europa (que tensionaram o continente num impulso inicial rumo ao fascismo). Não obstante, nas décadas finais do século XIX ocorreram uma constante eclosão de ideologias disseminadas por meio do sufrágio masculino, imigração, nacional sindicalismo, o caso Dreyfus, entre outros que, de alguma forma, permitiram a sedimentação de “reações precoces contra as democracias” (PAXTON, 2005, p. 49) indispensáveis a “uma nova estética de instinto e violência [que] começou a fornecer um húmus intelectual-cultural no qual o fascismo poderia germinar” (PAXTON, 2005, p. 32).

Inegável é o fato de que a I Guerra Mundial foi um evento de proporções catastróficas em larga escala cuja ânsia por uma nação próspera exacerbou-se nas massas de populares com padrões de vida irrisórios. Tal cenário sociopolítico permitiu “derrotas eleitorais para titulares e vitórias para políticos forasteiros prontos para apelar com slogans sumários aos eleitores irritados” (PAXTON, 2005, p. 46). As observações

de Paxton de um fenômeno imprevisto sem qualquer relação de compreensão com ideologias conservadoras, liberais ou socialistas coloca em questionamento qualquer abordagem teórica voltada para definir o movimento de Mussolini e seus comparsas em 23 de Março de 1919. Uma constatação que obriga todos aqueles sob seu jugo a uma mobilização contrária que visa combatê-los acirradamente.

Isso porque as únicas ocorrências bem-sucedidas de fascismo no seu período inicial de origem e desenvolvimento foram aquelas na Itália com Mussolini e na Alemanha com Hitler. Todas as outras experiências fascistas durante o período entre guerras desenvolveram uma estética de metapolíticas ultranacionalistas que foram, de uma forma ou de outra, naufragadas quanto as suas estruturações políticas e militares naquela onda de fascismo que varreu a Europa após a I Guerra Mundial.

O Vale do Pó, que se caracteriza por ser a maior planície da Itália e limitado entre os Alpes do norte e os Apeninos ao sul, foi a região onde Mussolini obteve maior apoio em suas investidas iniciais de formação do movimento fascista com ação direta e criação das táticas utilizadas pelo *squadre d'azione*. Ele dividia suas ações diretas com o poeta e herói de guerra Gabriele D'Annunzio – que naquele momento inicial do Biênio Vermelho possuía mais popularidade que Mussolini – e os camisas negras. Mussolini buscou por um movimento que pudesse revigorar os ideais de um nacionalismo tipicamente Italiano e, assim, absorver tanto as ações teatrais de D'Annunzio quanto protestar as gestões administrativas do primeiro-ministro Giovanni Giolitti.

Tais movimentações representaram uma dramaticidade política que se opôs duramente a decisões políticas moderadas em discursos típicos daqueles que conduziram a derrota Italiana na batalha de Caporetto, assim como a crise Giolittiana a respeito da cidade de Fiume, causada pela exacerbação das ações fascistas em revigorar o espírito ultranacionalista da Itália.

Tal fracasso de D'Annunzio em manter o poder do Estado Livre de Fiume acabou por servir ao movimento fascista “um aviso para aqueles que desejam interpretar o fascismo principalmente em termos de suas expressões culturais. O teatro não era suficiente” (PAXTON, 2005, p. 60).

Mais ainda, a habilidade de Mussolini em tornar Fiume Italiana assim que conseguiu se manter no poder e obter acordos com políticos moderados foi uma característica da própria expressão Mussoliniana em governar a Itália sob a égide do Fascismo, pois Mussolini, ao se tornar primeiro-ministro, ganhou os méritos de líderes mundiais – como Winston Churchill – em fazer frente ao comunismo na década de

1920, além das beatificações do Papa Pio XI em considerá-lo como que uma divina providência¹.

Essas movimentações iniciais de fomento aos ideais fascistas, como a entrada da Itália na I Guerra Mundial, a derrota em Caporetto e a tomada de Fiume, podem ser vistas como elementos formativos de uma gênese do fascismo que colocou a guerra como propósito fundamental para sua funcionalidade, uma vez que para os fascistas os ideais de construção de suas grandes nações poderiam ser visualizados mais facilmente a partir da supremacia sobre outros povos e uma consequente expansão territorial. Com relação ao exemplo Italiano, fazia-se muito mais necessária uma glorificação do nacionalismo, pois o *Risorgimento* caracterizou-se como um movimento de unificação cuja expressividade enfrentou suas contradições internas para unir os estados sobrepujados pelas potências estrangeiras. Antecedentes que colocaram o Fascismo na condição de glorificador da grandeza histórica da Itália.

Importante considerar o período anterior à entrada da Itália na I Guerra Mundial juntamente com a Entente. Um período durante o outono de 1914 até os 'dias radiantes de Maio' de 1915 em que os intervencionistas revolucionários concordavam que a nação na Guerra inauguraria uma Itália pós-liberal, ou seja, a mitologia presente em tais eventos caracterizava-se como uma variedade palingenética de ultranacionalismo (GRIFFIN, 1993, p. 84).

Os desdobramentos finais da “Guerra para acabar com todas as guerras” não foi tão interessante assim para a Itália, o que passou a ser chamada pelos italianos que lutaram juntamente com a Entente vitoriosa de “vitória mutilada.” Além disso, a moral do exército foi abalada, e os ultranacionalistas passaram a culpar os socialistas pelos fiascos. Uma estratégia de ação que se manteve em intensidades cada vez maiores – mesmo porque o Biênio Vermelho forçou os fascistas a agirem com truculência e violência – até que os fascistas tomaram decisões exasperadas e em outubro de 1922 marcharam em direção a Roma.

O Rei Vitor Emanuel III acabou por conceder o cargo de primeiro-ministro a Mussolini em razão da numerosa (mas desengonçada) mobilização fascista. Uma vez no poder, Mussolini buscou dissipar toda oposição (inclusive socialista). Isso deu poder

¹) Conforme citado em: El Fascismo en Color: Surgimiento, ascenso y caída del fascismo italiano – <https://www.youtube.com/watch?v=zrYUeN7Hr90>

local aos fascistas que vieram a assassinar o deputado socialista Giacomo Matteotti, um dos principais opositores do regime fascista. A partir daí, Mussolini regeu o fascismo na Itália com punho de ferro e promovendo a guerra, até que a II Guerra Mundial foi iniciada pelos nazistas.

Uma abordagem programática a ser considerada a respeito do *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* [Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP)] fundado após a criação do *Deutsche Arbeiterpartei* (DAP) em 5 de janeiro de 1919 por Anton Drexler (1884-1942), liderado por Adolf Hitler (1889-1945?)² e Martin Bormann (1900-1945?)², é aquela na qual a compreensão de um novo Estado formulado a partir das iniciativas de suas lideranças possuía numerosas similaridades encontradas em projetos precursores àquele tido pelos nazistas como *die Bewegung* (o movimento). Entretanto, há de se considerar que, com o Nazismo, uma peculiar estética fascista ganhou campo de ação, uma vez que os processos de radicalização ideológica encontrados na Alemanha no período de 1933-45 foram de demonstrações atrozes de brutalidade em uma envergadura de crueldade indescritível, pois é fato a ocorrência do Holocausto – ou HaShoá – e a responsabilidade pelo genocídio de dezenas de milhões de mortos durante a II Guerra Mundial.

Diferentemente do sucesso de Mussolini e sua mobilização fascista conhecida como “Marcha sobre Roma” de 28 de outubro de 1922, Hitler após sua filiação ao então DAP, com seu cartão nº 55 (PAYNE, 1995, p. 153) buscou por meio de sua propaganda obter o poder na então República de Weimar. Ele promoveu uma manifestação nacionalista na cidade de Munique a partir de um encontro do movimento Nazista na maior cervejaria da cidade, a *Bürgerbräukeller*. Hitler fez da manifestação um estopim para, por meio da coerção, forçar as lideranças da Baviera em apoiá-lo no golpe de estado contra o governo federal (PAXTON, 2005, p. 91). Pensou que, caso ele declarasse um novo governo nacional a partir da cidade de Munique, as lideranças o apoiariam, em razão de apoio popular (PAXTON, 2005, p. 91). Hitler tentou o golpe,

²⁾ A questão das mortes do alto escalão Nazista é argumentado em uma perspectiva diferente essencialmente por meio do livro *Nazi International The Nazis' Postwar Plan to Control Finance, Conflict, Physics and Space* (p. 85-136) de Joseph P. Farrell. Entretanto, é vasta a literatura que afirma a respeito das mortes de A. Hitler e M. Bormann já em maio de 1945, o que coloca as assertivas deste trabalho a favor dos acadêmicos extensivamente utilizados nesta monografia.

pois acreditava na lealdade das autoridades em função da presença do herói de guerra general Ludendorff, mas errou uma vez que a lealdade estava na verdade atrelada à estrutura de comando (PAXTON, 2005, p. 91). O famoso “*Beer Hall Putsch*”, além de colocá-los na cadeia, serviu como uma experiência de trato com os conservadores que mostrou a Hitler sua incapacidade de lutar pelo poder assim como conseguiu Mussolini e sua desengonçada mobilização. Ficou clara a necessidade de se constituir alianças com forças não revolucionárias para que os ideais nacionalistas contidos em seu livro *Mein Kampf* pudessem ser colocados em prática.

O melhor ponto em destaque para que se possa compreender a ascensão de Hitler na Alemanha em 30 de Janeiro de 1933 é a constatação de que não apenas o Nazismo foi atrativo para os “políticos conservadores que queriam roubar seus seguidores e usar sua força política para seus próprios propósitos” (PAXTON, 2004, p. 68), mas também na Alemanha “uma crise inflacionária, disputas com as potências da Entente em matéria de fronteiras, reparações e armas, a Grande Depressão e um surto generalizado de autoritarismo” (MANN, 2008, p. 191-2) somavam-se em um cenário nacional no qual um número considerável de trabalhadores alemães estava impossibilitado de realizar suas funções.

Nos dois anos seguintes após a nomeação de Adolf Hitler como chanceler da Alemanha por Paul Von Hindenburg (que faleceu em agosto de 1934), uma sequência de medidas totalitárias foram implementadas para transformar a Alemanha em um Estado de partido único, com poder executivo centralizado ultranacionalista e antisemita. É a partir daí que Hitler se torna *Führer*, e conduz a ideologia do Terceiro Reich para fazer guerra, e em setembro de 1939 se inicia a II Guerra Mundial.

O surto generalizado de autoritarismo na Europa no período entre guerras se caracterizou pela ascensão de lideranças fascistas e de extrema-direita/conservadoras que de uma forma ou de outra tornaram o cenário geopolítico europeu instável o suficiente para a eclosão da II Guerra Mundial. Um período histórico do século XX que permite abordagens críticas fundamentais para a prática do antifascismo.

As abordagens feitas para tanto se compreender quanto enfrentar o fenômeno do fascismo objetivam dismantelar suas organizações extremistas que visam o aparelhamento paramilitar de seus grupos sociais, o que coloca como uma necessidade prioritária o impedimento da conquista do poder por figuras fascistas e da extrema-direita. As ações extremistas desses fanáticos com suas visões de mundo sangrentas

devem ser devidamente enfrentadas por trabalhos de militâncias antifascistas seriamente engajados.

Este trabalho objetiva a compreensão das origens e desenvolvimento do fascismo a partir de uma geografia antifascista. Tal geografia caracteriza-se por ser uma que permitirá o engajamento de uma luta contra o fascismo por meio da contestação do espaço conquistado pelos fascistas e pela extrema-direita. Tal luta tem como pressuposto uma mobilização popular centrada em valores de igualdade, liberdade e ajuda mútua que, juntamente com a certeza de esperança, traçará horizontes de uma sociedade libertária cujos princípios estarão fundados na construção de estruturas sociais provedoras do bem comum e da prosperidade de todos.

2. Origens do movimento fascista: estudo de casos

2.1 O caso Italiano

Uma certeza de se caracterizar o fenômeno do fascismo é aquela na qual uma nação engendrada sob o reino da lei e ordem, cujo momento histórico está diante da submissão dos propósitos da catástrofe, sinaliza cultivar uma liderança que possui uma ideologia sincrética revolucionária. A retórica de palingênese da glória nacional e a vitimização por inimigos permite uma difusão do nacionalismo extremo e um foco na disciplina do militarismo. Mais ainda, um dos pilares de organização fascista consistia em atacar duramente os socialistas, ou seja, aqueles seguidores do Marxismo.

Fascismo, esta “maior inovação do século XX e a fonte de grande parte de sua dor” (PAXTON, 2005, p. 3) é uma ideologia cujo termo foi cunhado por Benito Mussolini em razão da agremiação fraterna entre os veteranos da I Guerra Mundial, as facções de nacional sindicalistas italianos e o movimento Futurista que ele estava reunindo para si já no final da segunda década do século XX. Entretanto, verifica-se que nas décadas finais do século XIX houve a ocorrência de precursores cujos movimentos fundamentados em políticas de massa nas agitações de lideranças populistas carismáticas apresentaram “os primeiros sinais de uma ‘Política numa Nova Chave’” (PAXTON, 2005, p. 45) em ambos lados do Atlântico. Ou seja, “a década de 1880 foi um limiar crucial” (PAXTON, 2005, p. 45) para as alegações de autores como Charles Maurras do movimento *Action Française* (Ação Francesa, AF), o influenciador de Hitler Georg Von Schönerer e o nacional socialista Marquis de Morès entre os primeiros expoentes de um nacionalismo extremo que exemplificam tais políticas afirmativas.

Esses exemplos de figuras políticas e movimentos extremistas (como a *Ku Klux Klan*, por exemplo) já no século XIX não contextualizam de fato o surgimento do movimento fascista tal como o de Benito Mussolini e o seu *Fasci Italiani di Combattimento* em Março de 1919, pois este foi um movimento que se mostrou inegável entre os exemplos bem sucedidos de regimes fascistas devido ao caráter militarista de seus partidários, seus uniformes militares e direcionados à liderança através da saudação romana. Eles buscaram por meio de rituais em massa com simbologias míticas a forma de comunicação com seu povo (daí a importância dos meios de comunicação dos mais desenvolvidos). A responsabilidade partidária fascista era a de salvar o Estado do inevitável desastre ocasionado pelos inimigos internos e externos, enquanto a população era submetida a uma disciplina militar que visava doutriná-la os valores ultranacionalistas da pátria e raça, perseguindo tudo aquilo que viesse a se representar como antinacional. Uma mobilização ideológica cujo objetivo era o da organização para a guerra e sua consequente expansão territorial, em uma dramática destruição das instituições do Estado e a inevitabilidade do genocídio.

A par de se existem ou não definições claras de forma a se identificar o fenômeno do fascismo nas diversas manifestações de governamentalidade, as condições básicas de produção deste nacionalismo extremo, ou seja, “o mínimo fascista”, devido ao fato de que “as definições são inerentemente limitantes” (PAXTON, 2005, p. 14), este trabalho busca a compreensão de que o fascismo é uma apropriação revigorada de nacionalismo mitológico em obsessão hierárquica cujo poder político reside em uma formação socioespacial totalitária e disseminação de uma genialidade irracional fundadas em valores chauvinistas, centrados no carisma de sua liderança populista que pratica a misoginia e o expurgo das minorias, em uma caça aos bodes expiatórios da crise nacional.

A produção literária de autores como o professor Britânico de história moderna e teórico político na Oxford Brookes University, Inglaterra, Roger David Griffin; o cientista político e historiador americano Robert Owen Paxton; o historiador, ativista e escritor Matthew N Lyons e o escritor e cineasta com sede em Portland, OR, Shane Burley, demonstra uma ótima compreensão a respeito do fenômeno do fascismo desde a sua criação até a percepção de ocorrência nestes dias atuais. Griffin (1993) explica que o fascismo é “um gênero de ideologia política cujo núcleo mítico em suas várias permutações é uma forma palingenética de ultranacionalismo populista” (GRIFFIN, 1993, p. 26). Já Lyons propõe que

o fascismo é uma forma revolucionária de populismo de direita, inspirado por uma visão totalitária de renascimento coletivo, que desafia o poder político e cultural capitalista enquanto promove a hierarquia econômica e social (LYONS, 2018, p. 253).

Paxton contribui ainda mais ao definir o fascismo

como uma forma de comportamento político marcado por uma preocupação obsessiva com o declínio da comunidade, humilhação ou vitimização e por cultos compensatórios de unidade, energia e pureza, nos quais um partido de massa de militantes nacionalistas comprometidos, trabalhando em inquieta, mas colaboração efetiva com as elites tradicionais, abandona as liberdades democráticas e persegue com violência redentora e sem restrições éticas ou legais objetivos de limpeza interna e expansão externa (PAXTON, 2005, p. 218).

Tais categorizações apresentadas acima servem para visualizar a importância da atuação de contestação do espaço tanto ocupado quanto ambicionado de se ocupar que os fascistas devem perder. A onda de fascismo que varreu a Europa no período entre guerras, assim como fora dela serve como prova fatídica da necessidade de impedir o ressurgimento no século XXI, uma vez que se constitui como um fenômeno generalizado no qual sua principal caracterização é a de “um movimento popular contra a Esquerda e contra o individualismo liberal” (PAXTON, 2005, p. 21).

A orientação de que Benito Mussolini foi o primeiro ditador fascista do mundo é uma útil para este estudo de caso de fascismo bem-sucedido. Isso porque, juntamente com o caso alemão, ajuda a arregimentar toda a constituição da natureza ideológica do fascismo em sua “ausência de forma dinâmica e estado duplo” (PAXTON, 2005, p. 119). A dinâmica disforme existente tanto nas formas de movimento/partido quanto regime é perceptível na luta de Mussolini, uma vez que ele como militante do Partito Socialista Italiano (Partido Italiano Socialista, PSI) decidiu somar esforços para a entrada da Itália na I Guerra Mundial, assim como fundou o Fasci Italiani di Combattimento após a guerra. Naquela famigerada reunião encabeçada por Mussolini na Piazza San Sepolcro em março de 1919, “não ficou totalmente claro se ele estava tentando competir com seus antigos colegas do Partito Socialista Italiano de Esquerda ou atacá-los frontalmente da Direita” (PAXTON, 2005, p. 11).

A agitação nacionalista cresceu cada vez mais, e coube aos fascistas a responsabilidade de minar toda oposição socialista durante o Biênio Vermelho. Quando milhares de camisas negras chegaram em Roma no dia 28 de outubro de 1922, carentes até mesmo de comida e água, havia a certeza de que para o Rei Vitor Emmanuel III ou deveria dispersar tal mobilização na base da força ou aceitar Mussolini como primeiro-

ministro (PAXTON, 2005, p. 89-90). Tal apelação exagerada colocou Mussolini na posição de líder fascista cujo regime exigia diversas alianças com forças políticas conservadoras, exibia características remanescentes de uma Itália liberal, além da necessidade de se governar tanto por uma ditadura fascista quanto monárquica.

Ao se tornar primeiro-ministro, Benito Mussolini apoiou-se tanto nas tentativas de coalizão com seus adversários políticos quanto “subordinou os paramilitares ao Estado, exatamente como subordinou a violência real a sua comemoração ritualística” (MANN, 2008. p. 138). Isso porque Giovanni Giolitti “ajudou a tornar Mussolini respeitável ao incluí-lo em sua coligação eleitoral em maio de 1921” (PAXTON, 2005, p. 100) assim como os camisas negras e milícias italianas se tornaram uma organização militar voluntária do estado, por meio de decretos e com hierarquia de comando. Consumada a farsa eleitoral parlamentar de abril de 1924 veio o assassinato do opositor socialista Giacomo Matteotti, que tornou duradoura uma crise política no gabinete de Mussolini e não lhe deixou outra alternativa a não ser tomar responsabilidade pelas ações criminosas de esquadrões fascistas, e os chefões partidários intimaram-no a instaurar uma ditadura com a dissolução do parlamento e a institucionalização de uma legislação excessivamente pró-Fascismo.

O regime fascista na Itália não se caracterizava por um alto nível de repressão e também não possuía uma polícia política, uma vez que os opositores foram expressamente enfrentados pelas milícias e houve adesão do proletariado, do campesinato e outros setores da sociedade para a instauração do Fascismo.

A instauração de um regime totalitário encabeçado por Mussolini no começo de 1925 foi uma motivada a partir de pressões dos diversos chefes locais (conhecidos como *ras*), pois ele atuou estrategicamente a partir de emergências nacionais como “a crise intervencionista, a agitação sociopolítica após a guerra, o *biennio rosso* e o assassinato de Matteotti” (GRIFFIN, 1993, p. 68) e na verdade serviu para que houvesse representatividade daquele que se colocou como o militante mais autoritário do Fascismo, uma vez que os sindicalistas, Futuristas, nacionalistas e seguidores de Dannunzio viam em Mussolini uma personificação para que fossem implementadas as políticas disseminadas pelo Fascismo cuja satisfação era fisiológica. Uma prova desta simbiose de força do poder regimental está comprovada no fato de que o núcleo incendiário fascista ocupava os principais cargos sob o primeiro ministro Mussolini, de forma a representar as novas instituições com as Leis Fascistíssimas.

Tal constatação permite compreender a respeito da Marcha sobre Roma e sua disseminação da ideologia do ‘estado ético’, pois assim os italianos enxergariam nas máximas fascistas uma realização de autoridade idealista formada a partir da implementação do *Risorgimento*, e com o Fascismo haveria as reformas necessárias para se completá-lo.

Giovanni Gentile descreveu o fenômeno do fascismo a partir de uma compreensão de que se

baseava em uma filosofia altamente individual, conhecida como ‘atualismo’, que ele havia desenvolvido fundindo concepções neo-Hegelianas do ‘Espírito’ com uma filosofia da história que se concentrava na decadência da fé e do heroísmo induzidas pelas forças da secularização e do individualismo (GRIFFIN, 1993, p. 68).

A necessidade de ampla respeitabilidade popular fixou-se interligando de forma complexa vínculos com a Igreja Católica, além de ter sido forjada numa análise de superação oriunda do círculo familiar de Mussolini, pois uma vez que a Guerra Ítalo-Etíope de 1935-36 se justificou pelas motivações de idolatria dos cidadãos de Roma pelo Cristianismo, pois é uma religião também praticada na Etiópia. E o ultranacionalismo corroborou no fortalecimento do regime fascista italiano por uma disputa que pudesse gerar uma nova era de civilização ocidental em berços fascistas.

Dessa forma, eles conseguiram “impedir a ameaçada revolução da propriedade com uma revolução de valores” podendo “resgatar a comunidade da decadência e declínio” (PAXTON, 2005, p. 148). Caso contrário, “eles não poderiam sobreviver sem essa corrida inebriante e precipitada” (PAXTON, 2005, p. 148) que os sucessivos revisionismos feitos com o Fascismo se mostraram desde o *combattentismo* de Mussolini até a República de Saló.

Como o Fascismo procurava constantemente mobilizar as massas e Mussolini estava obcecado com a guerra na década de 1930, arregimentando forças para dar continuidade à revolução fascista e a espiritualidade da comunidade a partir do slogan *Credere Obbediere Combattere* (creia, obedeça e lute), o paramilitarismo continuou sendo utilizado em função da retórica e visão organizacional que o Fascismo impunha às vistas de seu “nacionalismo orgânico e o Estado” (MANN, 2008, p. 139). Daí se encontra uma assertiva padronizada que os fascistas por toda a Europa se utilizaram: a de “um nacionalismo orgânico de Estado e paramilitar” (MANN, 2008, p. 139), expurgando os adversários políticos de forma a ostentar sua grande variabilidade ideológica que o Fascismo repercutiu. Mussolini em seu oportunismo teorizava a

negação do significado e a sinceridade da ideologia fascista ao se comprometer com as investidas organizacionais dos paramilitares que foram absorvidos pela nação Italiana.

Entretanto, ele não deixava de buscar o fortalecimento do regime a partir das diferentes forças hegemônicas que compunham a estrutura social, econômica e regimental da Itália. Mais ainda, jamais houve um “regime fascista ideologicamente puro”, (PAXTON, 2005, p. 119) o que permite se concluir a necessidade dos fascistas em compactuar com forças não revolucionárias e essencialmente discrepantes. Mussolini conseguiu mostrar para a população Italiana em geral que suas vidas haviam mudado, pois elas “legitimavam um regime como o criador da nova Itália que dominava todas as áreas das comunicações e assim estabeleceu o ‘filtro cultural’ dominante” (GRIFFIN, 1993, p. 71) cujo totalitarismo se fazia presente em diversas manifestações da vida social, “desde a infância até o início da idade adulta” (GRIFFIN, 1993, p. 72).

Portanto, “os imperativos de engrandecimento e purificação nacional” (PAXTON, 2005, p. 120) desenrolavam-se dentro das condições previamente consolidadas de determinados setores – em razão da preponderância econômica ou política – num embate de forças voltados para as prerrogativas do regime Fascista constituído. Mussolini conquistou um culto ao líder bem-sucedido ao redor dele, enquanto fazia das conquistas territoriais na África Oriental um requisito indispensável à criação de uma Itália gloriosa nos moldes do antigo Império Romano. A mesma fúria fascista foi lançada por ele para “intervir em nome da direita” (PAYNE, 1995, p. 238) na guerra civil Espanhola que estourou na Espanha em 18 de Julho de 1936, para que se pudesse manter a instauração de “uma nova ordem fascista nos assuntos europeus” (PAYNE, 1995, p. 239).

Os acontecimentos de ordem beligerante da Itália Fascista – a pacificação da Líbia, a Segunda Guerra Ítalo-Etíope e a invasão da Albânia, assim como a participação na Guerra Civil Espanhola – não apenas permitiram a consolidação e amplificação do totalitarismo na Itália de Mussolini como também serviram para demonstrar que era possível evitar por completo a “ascensão do socialismo revolucionário e a fraqueza que eles identificaram com o sistema Giolittiano” (GRIFFIN, 1993, p. 84). O que permitiu aos objetivos do *Duce* e às narrativas do Squadristo conduzir o povo italiano a “se tornar uma nova raça imbuída do espírito da ‘Roma eterna’, para não regredir literalmente à civilização de seus antepassados” (GRIFFIN, 1993, p. 104).

Em julho de 1943, a posição ditatorial de Mussolini foi severamente ameaçada e então “partes do estabelecimento – oficiais militares superiores, conselheiros do rei, até

alguns fascistas dissidentes” (PAXTON, 2005, p. 168) conseguiram derrubar *Il Duce* e prendê-lo. Mas não foi o suficiente para conter sua influência moral e um comando Nazista o resgatou e, assim, o Terceiro Reich conseguiu instituir a República de Saló – uma ordem militar subalterna aos Nazistas na região centro-norte da Itália que fez de Mussolini um carrasco com ambições sangrentas prontas para radicalizar seus impulsos nazi-fascistas entre 1943-45. Entretanto, além dos “planos para a nacionalização da indústria no início de 1944” (PAYNE, 1980, p. 87) de sua República não apenas ocorreram inadequadamente, como “a experiência do regime de Saló desacreditou Mussolini mais do que os vinte anos de governo fascista que o precederam” (PAYNE, 1995, p. 414).

Uma intensa guerra civil se desenrolou naquele período entre fascistas e antifascistas, e o final de Mussolini e seu grupo acabou por ser tão sangrento quanto o regime paroxista que empreendeu.

Ele foi finalmente capturado por guerrilheiros ao tentar escapar com unidades militares Alemãs no final de Abril de 1945 e sumariamente executado junto com sua amante, seus cadáveres pendurados de cabeça para baixo em uma praça pública em Milão (PAYNE, 1995, p. 414).

2.2 O caso Alemão

A relevância de se opor à ideologia e fatalidade do Terceiro Reich na Alemanha durante o período de 1933-45, a partir da estrutura de comando organizada pelo NSDAP é uma que se apoia nos trabalhos eruditos de Robert O. Paxton. Paxton explica a respeito dos regimes totalitaristas do século XX, com o argumento de que existe a necessidade de se “condena[r] fortemente ainda mais o extermínio biologicamente racista do Nazismo porque não admitia salvação mesmo para mulheres e crianças” (PAXTON, 2005, p. 213). Há de se abolir toda e qualquer forma de manifestação e apreço ao NSDAP, uma vez que a violência extrema deste governo os condenou a uma ascensão do fascismo cuja barbárie tornou-se indescritível.

Tamanhas atrocidades cometidas pelos nazistas ocorreram muito em razão do fato deles terem se tornado a maior exemplificação de fascismo no período entre guerras na Europa do século XX. Conforme elucidado acima, coube às lideranças nazistas tentarem um golpe de estado, muito em razão das similaridades de se constituírem como um movimento ultranacionalista assim como o caso italiano. Além disso, avançaram mais ainda para uma visão de mundo a partir das ideias de Hitler, assim como o

antisemitismo, darwinismo social e “girando em torno dos dois conceitos-chave de raça e espaço” (PAYNE, 1995, p. 157).

A derrota alemã na I Guerra Mundial permitiu uma mobilização de diversos grupos nacionalistas para que pudessem trazer de volta o espírito *völkisch* que, desde o final do século XIX, estava “dotado de conotações intraduzíveis de solidariedade racial e missão coletiva” (GRIFFIN, 1993, p. 85). Era uma expressão utilizada para, em função das tradições herdadas e o destino que a nação alemã carregava, buscar capacitar a comunidade nacional – *Volksgemeinschaft* – do fortalecimento de sua cultura popular contra “todas as outras formas de internacionalismo, cosmopolitismo, ou globalização – capitalista assim como socialista” (PAXTON, 1995, p. 10). A importância de construir a *Volksgemeinschaft* em uma base territorial cada vez maior teve apoio no conceito de espaço vital – *Lebensraum* – criado pelo geógrafo alemão Friedrich Ratzel (1844–1904). Tal conceito se baseava no argumento de que uma sociedade relativamente desenvolvida pode aumentar seu respectivo território, em função do seu grau de organização e avançando sobre as fronteiras de sociedades menos desenvolvidas.

Após o fracasso do “Beer Hall Putsch” e uma leve punição aos envolvidos, os nazistas tentavam se infiltrar no sistema político de diversas formas: seja através dos partidos eleitorais, ou na busca por um eleitorado que viesse a se encaixar no discurso de coerência ideológica que eles supostamente tinham. Mas a tática de “combates de rua contra esquerdistas que proclamavam as virtudes do internacionalismo e da Rússia” (MANN, 2008, p. 196) foi a mais utilizada para se aproximar da vitória em suas buscas pelo poder.

Um ponto a se considerar são as semelhanças entre os nazistas e a extrema-direita alemã após a I Guerra Mundial: o antimarxismo, antiliberalismo e antisemitismo, além do nacionalismo. Coube aos nazistas rejeitar os acordos do Tratado de Versalhes e eles também se colocaram contra o armistício de novembro de 1918, assinado durante a República de Weimar. As organizações paramilitares de extrema-direita chamadas de *Freikorps* que praticavam atos de violência política após a I Guerra Mundial serviram de motivação para o ideal dos nazistas em ascender ao poder.

Durante a década de 1920 o NSDAP adotou diversas táticas para aumento de popularidade: criou organizações para a juventude, mulheres e profissionais liberais, além de mirar no proletariado. Mais ainda, resolveram se constituir mais como um “movimento mais explicitamente entre classes, visando quase todos os principais

setores da sociedade” (PAYNE, 1995, p. 161). Para tanto, reconheceram a falta de sucesso entre os trabalhadores uniformizados e “o Partido Nazista se voltou para os fazendeiros. Eles escolheram bem” (PAXTON, 2005, p. 65).

Essa estratégia dos nazistas de se movimentar entre as diferentes classes sociais, tecendo alianças com setores da direita e até mesmo atraindo um enorme eleitorado rural do setentrional estado federal de Eslévico-Holsácia, têm mostrado que eles “lucraram com o descrédito dos partidos tradicionais, inventando novas técnicas eleitorais e direcionando apelos a constituintes específicos” (PAXTON, 2005, p. 65).

Não apenas o programa de 25 pontos do NSDAP era irrelevante e até mesmo veio a ser colocado de lado assim como a busca obcecada pela vitória por meios legais mostrou que com o fascismo alemão é muito difícil encontrar uma “essência” fixa nos primeiros programas fascistas ou nos primeiros jovens rebeldes antiburgueses do movimento, e por que é preciso seguir a trajetória do movimento à medida que ele encontrou um espaço político e se adaptou para ajustá-lo (PAXTON, 2005, p. 64).

O argumento de Allan Bullock de que Hitler se tornou chanceler por meio de uma conspiração de bastidores (BULLOCK, 1964, p. 253; 277) é um que evidencia a incapacidade dos nazistas de mobilizar por definitivo o eleitorado, pois Hitler acabou por servir tanto para as frustrantes alternativas de derrubar por completo a esquerda quanto seu predecessor General Kurt Von Schleicher se infiltrou no Partido Nazista e se tornou uma ameaça ao poder do presidente Paul von Hindenburg – uma eventualidade proporcionada pelo ressentido ex-chanceler Franz Von Papen que sugeriu Hitler à Hindenburg.

Uma vez tornado chancellor, Hitler não poupou esforços para iniciar seus projetos expansionistas na Europa, manteve uma relação tanto de reverência quanto superação ao conjunto de supremacia mantido com Hindenburg e a partir de então adotou o título de *Führer*, o que o colocou na posição de liderança máxima da República de Weimar que veio a se tornar o Terceiro Reich, com apoio popular.

Um pouco antes de agosto de 1934, Hitler tratou de fazer como que uma espécie de purificação do NSDAP, ao julgar os partidários nazistas mais radicais, no famoso episódio conhecido como a Noite das Facas Longas. Ele caçou os membros da facção strasserista do partido, inclusive Gregor Strasser. Além disso, Hitler assassinou os conservadores antinazistas ex-chanceler Kurt von Schleicher e Gustav Ritter von Kahr, que se opôs ao Beer Hall Putsch. Além disso, Hitler mandou executar as lideranças do *Sturmabteilung* (SA). Tanto a *Schutzstaffel* (SS) quanto a *Geheime Staatspolizei*

(Gestapo) se encarregaram de assassinar dezenas, e um contingente enorme de pessoas contrárias ao NSDAP foram presas. Tal iniciativa permitiu que Hitler implementasse o totalitarismo na Alemanha, dessa forma “o Estado de partido único e a ditadura política foram alcançados em cinco meses e meio em vez de três anos” (PAYNE, 1995, p. 179) como aconteceu na Itália de Mussolini a partir de outubro de 1922. Juntamente a isso, um movimento antissemita foi disseminado pela Alemanha de forma a culpabilizar os Judeus pelos fracassos que a nação alemã enfrentava, e leis antissemitas foram promulgadas para punir “os judeus por serem judeus” (MOSSE, 1964, p. 305).

Há de se verificar que os nazistas subiram ao topo das responsabilidades administrativas da nação alemã por iniciativa própria; eles insistiram em suas árduas apelações político-ideológicas ao passo que mantiveram uma aproximação contraditória com forças políticas menos extremistas do que as deles. A ambição de também guiar a nação segundo os preceitos da idealização cultural *völkisch*, já profundamente enraizados no povo alemão foram prerrogativas deles de forma a tornar uma rejeição à “nova influência cultural cosmopolita da elite das cidades maiores” (PAYNE, 1995, p. 162) como que um estratagema para mobilizar os processos de industrialização nacional para direcionar o Terceiro Reich para produzir guerras. Mais ainda, o período de 1936-39 que representou na Espanha uma Guerra Civil sob a liderança de direita radical do General Francisco Franco e sua manobra política para lentamente desvanecer a organização fascista *Falange*, permitiu ao NSDAP uma confluência de alianças extremistas para que tropas militares do Terceiro Reich invadissem o território espanhol e eliminassem os movimentos de esquerda – juntamente com a Itália e o exército do Gal. Franco – que haviam produzido uma revolução trabalhista na região Sudeste da Espanha em defesa da Segunda República. Entretanto, o “porco Jesuíta” (KERSHAW, 2000, p. 330) de Hitler não possuía as mesmas luxúrias por sangue como assim desejavam o *Führer* e o *Duce*, pois mesmo “após o terrível derramamento de sangue de 1936-39” (PAXTON, 2005, p. 149) de centenas de milhares de mortos, o *Caudillo* mantinha o “preço pela beligerância total no lado do Eixo inatingivelmente alto” (PAXTON, 2005, p. 149).

No lado Oriental da Europa, uma conjugação de tratados militares e invasões mantinham o cenário geopolítico da região. Então a Alemanha Nazista simplesmente invadiu a Polônia, pois o camarada Bernard Goldstein explicou que “Hitler nos condenou três vezes – à subjugação como Poloneses, à liquidação como Socialistas, ao extermínio como Judeus” (GOLDSTEIN, 2005, p. 17). Tal certificação é uma

demonstração de que o conceito de *Lebensraum* serviu para a Alemanha Nazista como justificativa das invasões para II Guerra Mundial, tendo a prerrogativa da raça ariana como raça mestra que se permite tomar o território de outras nações em função da necessidade dela ser superior e assim, ter a noção de manobrar os territórios estrangeiros para a construção de um reino fundado na

mitologia [que] era caracterizada por especulações sobre as antigas raças nórdicas, Thule e Atlântida, e a religião Germânica. Também importante foi a redescoberta de ideias e indivíduos no Ahnenerbe, o escritório da SS de Heinrich Himmler que pesquisou a arqueologia e antropologia ariana de 1935 a 1945. As esperanças apocalípticas de ressurreição e salvação nacional concentravam-se em especulações selvagens sobre a suposta existência de armas milagrosas alemãs, incluindo discos voadores e bases polares secretas no final da guerra (GOODRICK-CLARKE, 2002, p. 128).

Inicialmente, foi a elite de alto escalão do NSDAP que fomentou ao máximo os toques de clarim e organizações para guerra, ao movimento em conjunto do parque industrial alemão já direcionado para a guerra e expansionismo territorial. Isso porque, antes de mais nada, era imprescindível que o povo mantivesse “uma relação privilegiada com a história”, (PAXTON, 2005, p. 171) pois era esse o principal meio de ligação entre as lideranças e a população em geral.

Dessa forma, a máquina de guerra Nazista serviu aos propósitos de “uma cruzada de frente ampla contra a decadência”, (GRIFFIN, 1993, p. 147) o que permite compreender tal criação de um regime de estado totalitário que não matou a partir de “nenhum experimento cínico ou gratuito”, (GRIFFIN, 1993, p. 147) em uma demonstração suicida “abertamente militarista de todas as ideologias revolucionárias modernas em seu estilo, retórica e objetivos” (PAYNE, 1995, p. 355).

As estratégias de Hitler em manter frentes de combate tanto avante à França quanto a União Soviética foram para permitir que fosse possível encarar a Grã-Bretanha sob uma perspectiva vitoriosa, assim como avançar o espaço vital do Terceiro Reich para a Europa Oriental. Isso permitiu ao *Führer* uma força militar que ele “manteve um foco principalmente eurocêntrico”, (PAYNE, 1995, p. 365) ao passo de também poder estender o cenário de guerra generalizada “ao declarar guerra aos Estados Unidos, convertendo o conflito europeu em uma guerra mundial” (PAYNE, 1995, p. 365).

Ao compreender as forças dos Aliados que confrontaram o Pacto do Eixo e sua ambição de domínio mundial, fica mais fácil compreender também que o Terceiro Reich serviu para demonstrar a história sua organização de “imperialismo suicida e a uma onda genocida de raiva étnica”, (BURLEY, 2017, p. 47) cuja sociedade objetivou preservar e fazer prosperar a ordem mitológica da raça ariana por começar destruindo

uma configuração presente na sociedade alemã infestada por agentes inimigos que apenas exploravam o povo alemão, até mesmo ao custo de se gerar as atrocidades que o seu camaleonismo ensejasse em trazer à tona o novo. Percebe-se que esta “forma manisticamente otimista de ultranacionalismo” (GRIFFIN, 2006, p. 148) trabalhou em prol dos discursos de Hitler, uma vez que difundiu visões de mundo fundamentadas no racismo científico e uma ânsia de transformar a Alemanha num império gigantesco, sobressaltados em “um amplo espectro de outros componentes, que vão do ruralismo e ocultismo às fantasias tecnocráticas e científicas” (GRIFFIN, 2006, p. 148).

Conforme Roger Griffin (1993, p. 149) explica, as “fábricas de matança” demonstram o nível de barbárie do Nazismo. Uma exemplificação da escalada de desenvolvimento industrial e beligerância moderna revolucionária de acordo com o fato da orientação da elite governante do Terceiro Reich que fomentou um juramento de exercer a função de servir ao nacionalismo alemão de maneira ímpar. Os resultados da II Guerra Mundial foram extremamente desastrosos, pois culminaram na morte de dezenas de milhões de pessoas dos mais diferentes países, entre militares e civis. Todavia, construiu-se aparato militar adversário muito mais monstruoso de forma a ser possível estilhaçar as forças armadas organizadas para servir à ideologia do NSDAP e sua elite que “matou ‘inimigos de raça’, uma condição irremediável que condena até os recém-nascidos. Ele queria liquidar povos inteiros, incluindo suas lápides e seus artefatos culturais” (PAXTON, 2005, p. 213). Ou seja, o regime Nazista iniciado em 1933 “se dirigiu para um paroxismo final de autodestruição” (PAXTON, 2005, p. 148). Há de se perceber que seu território permaneceu ocupado por mais de 40 anos em ambas as partes, de forma a integrar blocos econômico-ideológicos antagônicos, e o colapso da União Soviética acabou por permitir a reunificação alemã e, conseqüentemente, uma maior integração à comunidade europeia no âmbito político, econômico e das finanças.

3. O surgimento de movimentos fascistas pelo mundo

Conforme demonstrou Stanley George Payne, o período de 1914-1945 foi o de melhor exemplificação de como um movimento inicialmente forjado por um homem chamado Benito Amilcare Andrea Mussolini e seus devotos – Fascismo – veio a tomar proporções hecatombes de radicalização e entropia por ele e um de seus fanáticos adoradores, Adolf Hitler, e totalmente disseminado pela Europa no período citado acima.

Todavia, o que essencialmente se caracteriza como seu tipo ideal e definição enquanto ideologia política de certa forma se perpetuou no espectro de extrema-direita em outras figuras públicas até mesmo após 1945 – e uma possibilidade de ter se arrastado aos dias de hoje, como objeto de investigação de trabalho. Para tanto, percebe-se que esta manifestação combinada de populismo e ultranacionalismo arraigou-se em diferentes países de diferentes continentes. Tal é a busca por caracterização e crítica a ser proposta neste capítulo, para um melhor entendimento de como os elementos perpetradores na gênese do fascismo possam ser melhor expostos e, assim, buscar visualizar a turva imagem que compõe a ideologia do fascismo.

Mais ainda, a proposta de que não se faz necessário conter todos os aspectos e paroxismos do movimento fascista na Itália a partir dos anos 1920 é uma de possibilitar a urgência e o alerta de se combater tal ressurgimento infiltrado debaixo de tais e quais bandeiras nacionais. Visto que determinados aspectos que foram determinantes tanto na era Mussoliniana quanto Hitleriana são suficientes para uma compreensão deste fenômeno, uma vez que permitiram a consolidação de suas respectivas tomadas de poder e serviram como manobras políticas e econômicas, tais como uma glorificação dos mitos e simbologias do passado a serem restaurados; a necessidade de se salvar a Nação das ruínas produzidas pelos inimigos antinacionais; a personificação do cargo de mais alta responsabilidade sob um matiz de liderança vitalícia e caracterização sob um espírito forte e salvador da pátria, em razão da necessidade de transfigurar o Estado como instrumento de força absoluta e etnicidade superior.

Esses aspectos puderam ser verificados entre os autores examinados neste trabalho, e Stanley G. Payne (1980, p. 105–38) argumenta a respeito de ocorrências fascistas no período entre guerras europeu como o grupo paramilitar Heimwehr – ou Heimatschutz – na Áustria; a dos fascistas da cidade de Szeged sob a liderança de Vitéz Gyula Gömbös de Jákfano período de 1932-36 como primeiro-ministro sob a regência do almirante e estadista húngaro Miklós Horthy de Nagybánya; o movimento legionário “Guarda de Ferro” com o líder Corneliu Zelea Codreanu na Romênia que se tornou deputado e foi assassinado em 1938 após sucessos eleitorais para tomada de poder de 1937 e uma subsequente guerra civil em Bucareste em 1941, como retaliação da Guarda de Ferro pelos impedimentos de ascender ao poder com maioria da Câmara do Deputados; nos Balcãs (Bulgária, Grécia e Iugoslávia) movimentos fascistas – ou fascizantes – Aleksandar Stamboliysky e o seu partido: a União do Povo Agrário Búlgaro. Com o General Ioánnis Metaxás e seu radicalismo autoritário entre 1936-41 e

o primeiro ministro Iugoslavo Milan Stojadinovic (1935-38). Verificou-se também na Croácia durante a guerra, graças principalmente conquista alemã e a criação de um novo Estado satélite croata. Houve também ocorrências na Checoslováquia, Polônia, estados Bálticos e nas democracias do Norte da Europa, sendo França e Bélgica com certas exceções em razão da falta de apelo de massas num tipo de nacionalismo precoce e uma ausência de categorização fascista, uma vez que houve tanto uma adesão ao sistema eleitoral quanto sua aprovação por obter expressividade de resultados populares.

4. O movimento fascista na atualidade

O que pode se verificar com relação ao fascismo na atualidade é colocar em disputa concepções de um fascismo conjuntural em distinção do que foi anteriormente um fascismo estrutural. Ou seja, na atualidade as estéticas de metapolíticas fascistas ganham espaço e campo de ação uma vez que estão, na verdade, em uma condicionante de características de certa forma estreitamente vinculadas com os movimentos e partidanismos uma vez ascendidos em seu espectro original. O que se diferem das estruturas partidárias e regimes em si tomados a cabo pelas figuras políticas em suas condições de precursores do movimento fascista durante e após a I Guerra Mundial. Há de se perceber os fascistas e a extrema-direita em suas disputas pelo poder fundamentalmente produtores de um “fascismo que aumenta e reforça tendências autoritárias e sistemas de opressão que estão profundamente enraizados em nossa sociedade” (LYONS, 2017 *apud* BURLEY, 2017, p. 2). Tais tendências e sistemas estão mobilizados pelo esforço para ascender ao poder e regimentar suas estéticas de metapolíticas do ponto no qual se verifica uma civilização fascista que está em ruínas. Daí a conveniência da adoção do ultranacionalismo palingenético (GRFFIN, 1993) em governos representativos de fora para dentro.

Matthew N. Lyons (2018, p. 182) contribui para se verificar a dificuldade nas repetidas administrações federais dos EUA a assertiva de que se está no campo do fascismo e, portanto, há a confirmação destes regimes no território estadunidense. Com o fascismo existe a necessidade das lideranças políticas se apropriarem das principais estruturas do Estado, pois assim concretiza-se a máxima de “tudo no Estado, nada contra o Estado, e nada fora do Estado”.

As forças de estado dos EUA relativamente envolvidas com o paramilitarismo da extrema-direita representam movimentações em disputas e deslegitimação tanto ideológicas quanto políticas em absorção e negligenciamento das operações

organizativas da extrema-direita. Uma vigilância governamental estadunidense organizada de forma a coletar informações e compactuar as ações diretas de terrorismo organizacional extremista atravessou as décadas de 1970, 80 e 90, adentrando o século XXI (LYONS, 2018, p. 163-80). Todavia, as teias organizacionais descentralistas dos supremacistas insurgentes de Lyons sofrem relativa progressão terrorista, uma vez que as organizações federais não conseguem sentenciar seus crimes e desmantelá-las efetivamente, tal como se verifica através do *Southern Poverty Law Center*³.

Entretanto, os fascistas cobiçam a alternância de status de força paramilitar criminosa para a de representação política populista. Seus preceitos partem de críticas ao capitalismo hegemônico em considerá-lo “não ser explicitamente racializado e *desigual o suficiente*” (BURLEY, 2017, p. 107). Tal retórica se encontra num campo das metapolíticas fascistas que condena a ânsia internacionalista do capitalismo em reproduzir cada vez mais ampliadamente o capital e, dessa forma, utilizam o jogo Hitlerista de ataque às finanças de bancos internacionais ao associá-las a cabala Judaica assim descrita nas teorias conspiratórias dos Protocolos dos Sábios de Sião. A necessidade de uma maior aderência de populares para a estética fascista do ultranacionalismo nas questões de política e segurança nacional baseiam-se nos argumentos de “intolerância latente e desigualdade social na sociedade” (BURLEY, 2017, p. 107) cujos recursos partidários da extrema-direita se manobram entre alianças e acordos administrativos, uma vez que ainda não é possível impor a estética de metapolíticas de ódio ao *status quo* e relação contraditória com a ordem aristocrático-burguesa.

Os desdobramentos ideológicos relativos ao capitalismo e sua ontologia reagem nas possíveis efetivações que o fascismo visa conquistar, sendo acometido da façanha de “responder à equação inacabada do capitalismo” (BURLEY, 2017, p. 28): $0 + 2 = 1^4$. Tamanha estranheza se enrijece cada vez mais por agravar as problemáticas filosóficas do ultranacionalismo palingenético (GRIFFIN, 1993) cuja entropia é radical: $1 - 2 = ?^4$

Os fascistas estão desesperados fazendo uso de todo tipo de recurso encontrado na Internet por desde os neonazistas, patriotas e a gerontocracia conservadora, pois é fato que eles não possuem a infraestrutura necessária para mobilizar seus contingentes

³) Confira o mapa dos grupos de ódio em: <https://www.splcenter.org/hate-map>

⁴) Ideias já anteriormente discutidas pelo grupo musical canadense *NoMeansNo*. Veja em: https://www.youtube.com/watch?v=7Al0_UbBPo8

de militantes irracionais com armas e, dessa forma, golpear de uma só vez as estruturas tripartites de suas respectivas nações. Isso se verifica na medida em que os fascistas não conseguem de fato alinhar as forças armadas para o centro de suas ideologias e, portanto, inevitavelmente terão de entrar em confronto para que o ultranacionalismo populista (GRIFFIN, 1993) possa ser colocado em prática e uma nova era de fascismo entre em ação – seja por ditadura militar ou culto ao líder, por exemplo.

Mais ainda, a farsa da democracia liberal estendida pelo modelo econômico neoliberal reduziu-se a transitórias formas de governos representativos e, assim, as estéticas de metapolíticas fascistas vêm a se desenvolver em maior ou menor intensidade e escala, o que permite colocar a classe trabalhadora em posição de sujeição aos modelos econômicos exploratórios dos diferentes líderes que traem seus “formigueiros humanos” de forma a servir o capital e desfrutarem poder e privilégio à custa da sociedade.

5. Fascismo e Internet

A informação é um componente fundamental para que a estrutura organizativa do Estado desempenhe as mais diversificadas tarefas de subjugação e controle de sua respectiva população. Nos dias atuais, as “tecnologias para facilitar a interação do homem e da máquina” (DIAS, 2007, p. 77) possuem uma dinâmica capaz de trazer à tona desejos humanos que até então permaneciam inibidos. Ou seja, entre a vaidade e a ira, “os sistemas de poder [que] requerem, habilitam e recompensam nossas piores capacidades” (CORSKE, 2011. p. 44) privilegiam o desejo de ganância de tal forma que a angústia da luta pelo poder possa surgir num cenário onde as regras do majoritarismo misturem tanto uma política de massas histórica quanto uma visão obnubilada da pretensa participação do cidadão comum na independente estrutura tripartite dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário de cada república.

Já se verificou com regras da maioria que a “psicologia do fascismo, e particularmente o nazismo, foi e continua sendo uma angústia esmagadora da qual algum tipo de catarse coletiva pode libertar o indivíduo” (ROSS, 2017, p. 64) e permitem a propagação de uma acentuada percepção coletiva na qual os impuros e degenerados devem ser banidos, tal como foi feito na Alemanha Nazista com o banimento de produção artística e queima de livros, e no Brasil de hoje com o ativismo do Movimento Brasil Livre (MBL) com censura a exposições artísticas da comunidade LGBTQIA+ em museus.

Tais manifestações LGBTfóbicas do MBL representam iniciativas da “direita teocrática cristã [que] está preocupada em impor a desigualdade de gênero em primeiro lugar”⁵. São ações que priorizam tanto manobras propagandistas quanto de reagrupamento, como verificado com Donald Trump quando deixou a Casa Branca. As táticas da extrema-direita estão em praticar racismo e misoginia, pois a direita teocrática cristã se mantém por meio de uma valorização identitária da raça branca e do sistema patriarcal. A rivalidade política atinge patamares mais agressivos, a fim de desmoralizar e fulminar tanto a ideologia de esquerda quanto suas principais figuras políticas, o que pode ser verificado quando há uma doutrinação autoritária excessivamente descarada e a violência (tanto grupal quanto institucional) é colocada em prática e celebrada.

Mais ainda, o alt-right está sendo considerado muito mais misógino do que o movimento neonazista, por promover assédio online em razão de críticas recebidas de conservadores e praticar ameaças a mulheres que têm criticado o movimento online Gamergate por meio de “fluxos de invectivas misóginas, ameaças de estupro e morte, e doxxing”⁶.

O Alternative Right, ou alt-right, Matthew N Lyons explica que

em 2016, o alt-right desempenhou um papel significativo no impulsionamento da candidatura de Trump através de um hábil ativismo online. Em troca, a campanha de Trump ajudou o alt-right a obter muito mais visibilidade e reconhecimento e validação pública do que teria conseguido por conta própria. Em 2020, grupos do movimento Patriota, Proud Boys e outros direitistas realizaram uma onda de ataques físicos, incluindo assassinato, contra manifestantes do Black Lives Matter. Essa violência simbioticamente complementou o temor de Trump e a vilificação do movimento Black Lives Matter.⁷

Agora pode-se compreender a angústia de Trump em sua manobra desesperada para convocar um golpe de Estado no dia 6 de Janeiro de 2021 (dia no qual o Congresso dos EUA se reuniu para certificar a vitória de Joe Biden no colégio eleitoral) em plena Washington D.C. e no Twitter – que o banuiu. Trump politicamente isolado buscou o apoio de seus seguidores fanáticos e, por fim, montou no cavalo de Mussolini. Uma demonstração de nacionalismo extremo previsto por pessoas como Paxton e Griffin,

⁵) Matthew Lyons, The far right has entered a period of regrouping. Quarta, 30 de Junho de 2021. Veja em: <http://threewayfight.blogspot.com/2021/06/the-far-right-has-entered-period-of.html>

⁶) Matthew Lyons, Alt-right: more misogynistic than many neonazis. Sábado, 03 de Dezembro de 2016. Veja em: <http://threewayfight.blogspot.com/2016/12/alt-right-more-misogynistic-than-many.html>

⁷) Matthew N. Lyons, The far right has entered a period of regrouping. Quarta-feira, 30 de Junho de 2021. Veja em: <http://threewayfight.blogspot.com/2021/06/the-far-right-has-entered-period-of.html>

então há de se concluir que para os fascistas a vitória eleitoral ou a contestação deste sistema é um meio encontrado para lutarem pelo poder e impor suas supremacias.

Insidiosamente buscando a derrota de Biden na luta pela sucessão em ocupar a Casa Branca, a repercussão do ocorrido e o teatro midiático fomentado por Trump pode ser visto tanto como uma vitória quanto uma derrota. Vitória na medida em que a mobilização de extrema-direita representou como que um plano de ação direta em razão do bem-sucedido alinhamento das políticas de extrema-direita em discordância das comumente aceitas políticas de Estado. Ou seja, as dezenas de milhões de apoiadores de Trump na tentativa de se apoderarem do sistema político dos EUA através do pleito eleitoral deliberadamente contestaram este sistema a partir do súbito deslocamento da janela de Overton em função do discurso raivoso de Trump. Derrota em função de não conseguir alcançar o simples objetivo de derrubar a vitória presidencial de Biden.

Esse paradoxismo pertence a uma categoria do “espaço [que] pode ser visto como o terreno das operações individuais e coletivas, ou como realidade percebida,” (SANTOS, 2009 [1996], p. 34 *apud* ISRAEL, 2019, p. 122) pois tal mobilização de massas fundamentada no culto ao líder encontrou suporte a partir de um apelo de políticas de massas destas reverberações das estéticas de metapolíticas de desenvolvimentos do fascismo ao longo do tempo cujo “caráter multidimensional do ciberespaço” (ISRAEL, 2019, p. 122) proporcionou a disseminação da ideologia fascista tanto a partir de seus inúmeros militantes quanto do sensacionalismo perpetrado em redes sociais e meios de comunicação de massas.

Essencialmente centrados nos valores de criação e manutenção de suas comunidades através de uma solidariedade orgânica ao invés de tentar disciplinar “as massas, cheias de cerveja e tolices” (PAXTON, 2005, p. 35) como argumentou Thomas Carlyle – um dos precursores dos Nazistas –, para o fascismo uma comunidade popular – *Volksgemeinschaft* – pertence ao lócus cujos heróis são disseminados através dos eficientes meios de propaganda fascista que contêm a informação necessária das políticas direcionadas contra a esquerda.

A conveniência da propaganda é facilmente verificada nos dias atuais, onde se destaca a importância da informação como elemento constituidor da própria organização do mundo, tendo a necessidade da implementação da tecnologia e a cibernética em prioridades cujo meio técnico-científico-informacional de Milton Santos possa estar nas características do espaço geográfico que atribui componentes do ciberespaço, em uma Internet indissolivelmente desterritorializada de dispositivo

sociotécnico de sua geografia tal uma ciência histórica. Para tanto, a informação disponível ao mundo estrutura-se não apenas nas ciências que a analisam, mas também no “território informacional, cuja espacialidade assenta-se primordialmente na comunicação entre computadores (Internet) e na produção e gestão de dados” (ISRAEL, 2019, p. 33-4).

Compreende-se que a era da informação veio para substituir e suplantear a gênese de sua formação a partir de um período marcado pelo aperfeiçoamento da tecnologia cibernética voltada para a guerra e o militarismo em contrapartida daquela responsável por coordenar a mobilização da sociedade globalizada cuja

informação materializa-se através dos processos de universalização técnica da informação do então emergente período técnico-científico-informacional (SANTOS, 2009 [1996]), da qual a Internet é o seu produto mais bem acabado (ISRAEL, 2019, p. 57).

A expressividade presente no ciberespaço revela uma manifestação dessa interação homem-máquina na qual a insônia febril dos Futuristas os motivaria em audácia e revolta para declamar às massas suas “paixões mobilizadoras” (PAXTON, 2005).

Então, parte-se para uma realidade que o fascismo exige tanto na informação quanto na guerra: a velocidade. A estética Futurista, um movimento intelectual que em Milão declarou guerra ao socialismo juntamente com Mussolini e dezenas de veteranos da Primeira Guerra Mundial, colocava a velocidade no imaginário do novo homem. A propaganda Nazista, que através do *Volksempfänger* – rádio do povo –, fez da tecnologia da radiofrequência uma arma a serviço de Hitler (assim como seus velozes mísseis V-2).

De forma a entender que com o nacional socialismo alemão do período entre guerras existiu um desbravamento nacional em oposição às decadências da esquerda parte da premissa das motivações desse grupo político cuja propaganda e controle da informação foram administrados de forma a apelar às massas a exaltação alemã enquanto subliminarmente visa controlá-las e colocá-las através de uma subjugação branda que pode “mentir sobre questões que são relativamente imunes à traição pelos fatos” (CORSKE, 2011, p. 89). Não é de se admirar, portanto, que atualmente a Internet possa servir a propósitos de engano e subjugação.

Essa constatação encontra apoio na medida em que o desenvolvimento das estéticas de metapolíticas engajadas por essas facções da extrema-direita são inicialmente forjadas pelas mídias digitais. A partir de então, produz-se uma militância

após o efeito da caixa de ressonância na Internet determinar quais temas e estilos fascistas encontram maior campo de ação, intercalando desde a base de seus movimentos até as mais variadas estruturas do poder político, em uma mistura de irracionalidade, fanatismo e obsessão hierárquica.

Seus movimentos de base pela supremacia do Etnoestado branco esforçam-se em agrupar seus instintos autoritários e ódio ao status quo não apenas entre seus ativistas, mas também através de uma tendência de discurso moralista e nacionalista que ganha o louvor das massas de religiosos – nestes dias atuais a aprovação dos evangélicos. Para tanto a estética fascista foi remodelada, mas a base de apoio recebida pela classe média permaneceu como uma espécie de renovação de contrato.

Um ponto central a ser defendido por esses ativistas é a supremacia branca, pois eles têm reivindicado suas desigualdades e superioridade étnica de diversas formas na Internet. Atuam através de argumentos retirados de uma ciência determinista biológica que argumenta em favor da raça branca a construção de sua civilização, presentes em figuras públicas como Olavo de Carvalho (1947-2022), Matthew W. Heimbach, James Warner, os sites Breibart news, Stormfront, NAZI LAUCK NSDAP/AO, o National Socialist Movement (NSM), Alt Right, entre outros grupos e ativistas em redes sociais disseminados na Internet (BURLEY, 2017; DIAS, 2018).

Ao invés de rasgarem a Constituição ou Golpe de Estado, torna-se conveniente para essa “versão moderna do autoritarismo” (MELLO, 2020, p.23) que se corroam as instituições por dentro, dessa forma com a Internet não há proibição deliberada. Usuários de redes sociais como Facebook ou Whatsapp no Brasil ultrapassam a casa dos 120 milhões e ao se pagar para atingir esse público, tamanho fluxo de informação só consegue ser reproduzido com a ajuda de *bots*⁸, *trolls*⁹ e com o *firehosing*¹⁰ que permitem aumento da popularidade, expondo versões de fatos de interesse dos extremistas cuja pseudo-verdade acaba por abafar outras narrativas, inclusive as reais (MELLO, 2020, p. 22-4).

⁸) bots: uma aplicação de software feito para simular as ações das pessoas repetida e padronizadamente, assim como faz um robô.

⁹) trolls: gíria da Internet para indicar uma pessoa que se comporta enfaticamente de forma a tumultuar discussões e enfiar os outros presentes.

¹⁰) firehosing: técnica de propaganda na qual um grande número de mensagens é transmitida rápida e repetidamente nas redes sociais, sem consideração pela verdade ou consistência.

Tais versões dos fatos de interesse dos extremistas foram massivamente exploradas em redes sociais como Whatsapp, YouTube, Facebook, sites de notícias, além do Twitter na eleição de 2018 no Brasil, pois se constituiu como uma estratégia digital de campanha do ex-capitão através de seu filho Carlos Bolsonaro. O assim chamado Carluxo, ou Zero Dois, percebeu que seria crucial para a campanha a presidência de seu pai a propaganda política nas redes sociais e bem antes das eleições já havia estimulado a criação de uma infinidade de grupos no Whatsapp e Facebook e identificava influenciadores para difundir as mensagens, pois Jair Bolsonaro tinha presença digital infinitamente superior à dos outros candidatos (MELLO, 2020, p. 31-2).

Como a pessoa que utiliza o Whatsapp, ao aceitar o link para se inscrever em um grupo, “está predisposta a acreditar no conteúdo que vai receber” (MELLO, 2020, p. 33) e participa daquela rotina de mensagens, pois são “pessoas [que] estão mais inclinadas a confiar do que a duvidar” (CORSKE, 2011, p. 106), dessa forma se organizam em “grupos de apoiadores que acabaram por constituir um exército digital,” (MELLO, 2020, p. 32) compartilhando e conversando a respeito de notícias, posts, memes e um viés de discussão política que na verdade pode se caracterizar como *fake news* ou desinformação. Mello reporta que “na eleição de 2018 no Brasil, um volume colossal de notícias falsas, meias verdades e descontextualizações saturou as redes sociais dos brasileiros” (MELLO, 2020, p. 34).

Mais ainda, pesquisador Fabrício Benevenuto, professor da Universidade Federal de Minas Gerais, aponta que muitas dessas mensagens foram “concebidas e/ou difundidas por profissionais, por agências de marketing” (MELLO, 2020, p. 35), o que para Janet Abbate permite a existência de uma frequência nessas redes sociais de colocar as ideias em sobreposição aos elétrons, (ISRAEL, 2019, p. 58) com o propósito de “evidencia[r] o caráter tangível desses meios e o impacto político-econômico dessa concretude” (ISRAEL, 2019, p. 58). Mello destacou as principais ocorrências de difamações nos grupos de Whatsapp pró-Bolsonaro, com claras distorções aos fatos ocorridos além de calúnias em centenas de milhares de compartilhamentos nas redes sociais. São impressionantes 52% do eleitorado bolsonarista que acredita de alguma forma no Whatsapp, (MELLO, 2020, p. 40) trazendo consigo em um cortejo de horrores sua mobilização de baixo para cima cuja raiva plebeia o fascismo à brasileira do clã Bolsonaro capitaliza para si a corrosão da legitimação das altas posições do Estado e da sociedade ao repudiar o jogo institucional predominante na vida política do país,

conforme a elite intelectual da USP¹¹ destacou os paralelismos da retórica entre o Integralismo e o bolsonarismo.

Esse repúdio às políticas em curso funciona como orientação estratégica em praticamente todos os movimentos da extrema-direita do século XXI, pois os fascistas “sempre exigiram um cruzamento, um ponto de parada que eles usam para moderar seus pontos de vista e prepará-los para novos convertidos” (BURLEY, 2017, p. 27). A estética dos uniformes fascistas caiu em desuso, e em seu lugar uma valorização cultural da classe média através de estilos de vida apropriados pela direita e fascínio pela tecnologia foram mais determinantes para o sucesso de suas metapolíticas em detrimento da aproximação com figuras políticas. A popularidade vem à tona a partir da incessante caça ao inimigo (interno ou externo) que faz do sujeito comum um elemento degenerado e digno de repugnância.

Conceitos revolucionários apenas podem ser visualizados através de uma estrutura eficiente de disseminação das informações contidas nos mesmos, o que pode ser feito por meio da comunicação em massa. A fertilidade contida nos instrumentos dos meios de comunicação de massas da nova geração aparenta ser uma de tanto reproduzir características informativas já presentes nas mídias pioneiras quanto a de uma capacidade de exibir elementos cibernéticos de uma tecnocultura ávida por trazer à tona o relativismo do espaço geográfico produzido através das específicas radiofrequências em megahertz traduzidas como a Internet.

A complexidade presente nas estruturas do sistema-mundo pós-colonial faz dos meios de comunicação de massas um elemento primordial para o desenvolvimento crescente das miríades etnográficas que discernem concepções inerentes do mundo ao passo de colocarem em ritmo de progresso a cultura de uma tecnologia que atinge níveis globais.

O legado presente do Futurismo nos dias atuais para “as estruturas analíticas, psicológicas e libidinais da política revolucionária do século XX” (GENOSKO; THOBURN, 2011 *apud* BERARDI, 2011, p. 3) não está em sincronia, mas “em dívida com a forma temporal do futuro” (GENOSKO; THOBURN, 2011 *apud* BERARDI, 2011, p. 3). Tal constatação se verifica na medida em que a alternância do sistema capi-

11) Fascismo à brasileira por André Singer, Christian Dunker, Cicero Araújo, Felipe Loureiro, Laura Carvalho, Leda Paulani, Ruy Braga e Vladimir Safatle, Folha de São Paulo, 14 de junho de 2020.

lista no decurso do tempo objetiva as similares perspectivas e lógicas das ideologias que o compõe, dessa forma coloca as mídias digitais numa trilha de objetivos cujas relações de concordância são como aquelas do “regime Nazista [que] usou comunicações de massa para levar sua população ao frenesi de ódio” (CORSKE, 2011, p. 29).

A catarse coletiva explicitamente contida nas infinitas coordenações visão-tato cooptadas pelo chauvinismo enrustido das pessoas e manobradas pelo culto ao líder e seu ressentimento agressivo colocam a psique humana em uma maior aproximação para “a falta de desenvolvimento da personalidade (levando à psicologia de rebanho) e a falta de poder criativo individual e sua iniciativa [que] são certamente um dos principais defeitos de nosso tempo” (KROPOTKIN, 1992, p. 28). O tecido social, que tanto fomenta o ciberespaço quanto é provido pela contínua produção do espaço geográfico, pode formular a organização de novas estruturas cujos “processos de normatização formais e informais” (ISRAEL, 2019, p. 161) compreendidos juntamente com a construção dos “parâmetros de normalidade” (ISRAEL, 2019, p. 161) no âmbito de “uma racionalidade congruente a esse regime de verdade” (ISRAEL, 2019, p. 161) embutido na Internet imiscui-se naquilo que “não há espaço para escolha política, já que os princípios corporativos foram incorporados ao tecido técnico da linguagem e da imaginação” (BERARDI, 2011, p. 147) dessa ditadura chamada necronomia.

Necronomia, aliás, verificada tanto na obstinação de certos líderes nacionais em priorizar o aumento das riquezas de suas nações para maiores patamares mesmo diante de cenários de crise socioeconômica como a da pandemia do coronavírus – como, por exemplo, Donald Trump, que “embora não seja fascista, representou um desafio importante para alguns aspectos do neoliberalismo” (LYONS, 2018, p. 199) – quanto aqueles que exacerbaram seus discursos negacionistas, anticientíficos e obscurantistas como uma espécie de antídoto para a COVID-19, pois apresentam à população as visões míticas da extrema-direita de culpar inimigos internos e externos em razão dos diferentes dilemas que suas nações enfrentam. São visões que encontram paliativos para a “economia [que] é mais que um ditador, é um *meio ambiente*” (CORSKE, 2011, p. 23).

Para que as estratégias administrativas dos líderes de extrema-direita possam ganhar apoio popular e, dessa forma, reverberar a palingênese ultranacionalista (GRIFFIN, 1993) através dos mais diversos aspectos da vida em sociedade, existe a necessidade de condenar como *fake news* os mais diferentes veículos de informação – seja a *mainstream media* ou na Internet – e, a partir de então, os líderes

ultranacionalistas utilizam as redes sociais de uma forma em que “se comunicam diretamente com o eleitor de modo eficaz e como melhor lhes convém” (MELLO, 2020, p. 184). Essas foram táticas utilizadas por Andrzej Duda, Donald Trump, Jair Bolsonaro, Narendra Modi, Recep Erdogan, Rodrigo Duterte e Viktor Orbán.

Na Polônia legislações negacionistas do Holocausto estão prestes a entrar em vigor por Andrzej Duda. Elas prometem acabar com a imprensa livre no país e legislação antissemita que negará direitos de bens e propriedades dos sobreviventes e descendentes das vítimas do Holocausto uma vez tomados pelas forças de ocupação Nazista, tornando-se propriedade da ditadura comunista após 1945. Tais legislações afetam seriamente o cenário geopolítico transatlântico uma vez que a Polônia é um importante aliado da OTAN¹². Trump em seu inflamado discurso “América em Primeiro lugar” esqueceu da receita fascista de esmagar a esquerda ao chegar ao poder e foi tido como “o fascista mais retrógrado que já vimos”¹³, embora Joel McDurmon argumenta que ele bem que pode ser um, numa América que sempre foi, em alguma medida, *fascista* (McDURMON, 2017 *apud* LYONS, 2018, p. 214). Mais ainda, há evidências de que os supremacistas brancos nas redes sociais seguiram e foram seguidos pela campanha presidencial de Donald Trump no Twitter (JONES, 2016, p. 20).

O clã Bolsonaro utiliza uma estrutura em rede para aumento de popularidade através das mídias digitais e apelo de massas, ao passo que necessita de uma estrutura de pirâmide em certos aspectos da sociedade como censura a mídia, infiltração no sistema político, ações diretas populistas, assassinatos, carestia, alianças políticas e, como que se espelhando em Trump, lida com a esquerda de forma a torná-los fascistas acuados e incapazes de impor repressão estatal nos seus opositores políticos.

A retórica populista de Jair Bolsonaro se esvaziou a tal ponto que lhe restou apenas “uma nova visão para o Brasil” (BURLEY, 2021, p. 11). Isso se verifica na medida em que não há evidências concretas de um culto ao líder ao redor dele, pois nas redes sociais foram espalhados memes de lideranças políticas como Wilson Witzel, chamando-o de fascista antifascista em razão de suas posturas com relação a Bolsonaro.

¹²) Veja mais em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/611992-holocausto-e-controle-da-tv-com-duas-leis-polonia-se-coloca-fora-do-ocidente?>

¹³) Veja mais em: <https://coreyrobin.com/2017/01/29/if-trump-is-a-fascist-he-may-be-the-most-backassward-fascist-weve-ever-seen/>

O que na verdade são indicativos dessa nova era de fascista de resistência sem liderança, ou seja, a princípio não há ainda o culto ao líder. Mas o movimento fascista claramente se faz presente, basta a população “virar à direita” e praticar o nacionalismo extremo para que então surja um líder e o totalitarismo seja implementado.

Narendra Modi teve como recurso as redes sociais para se tornar primeiro-ministro da Índia; Recep Erdogan lançou um ataque feroz à mídia crítica de forma a se manter nos cargos de primeiro-ministro e presidente da Turquia que já duram mais de 18 anos; presidente Rodrigo Duterte faz falsas alegações em redes sociais juntamente com um exército de trolls que permitem aumento da popularidade, expondo versões de fatos de interesse dos extremistas em uma pseudo verdade despojada de contextos narrativos, sejam reais ou não. Assim como o primeiro-ministro da Hungria Viktor Orbán com seus ataques à mídia tradicional que por julgá-la *fake news* montou um esquema de compra da imprensa por meio de empresários ligados ao seu governo além dos seus partidários, o Fidesz (MELLO, 2020, p. 168).

Estas observações, além de expor uma realidade dos fatos em que os meios de comunicação de massas atuais se disseminam através da necessidade do poder da velocidade e agilidade logísticas proporcionadas apenas pela tecnologia de ponta, exemplificam um ciberespaço já mais intrinsecamente voltado para uma “produção do espaço [que] não se dá de forma simétrica” (ISRAEL, 2019, p. 339). Tal espaço geográfico desenvolve-se a partir de “geometrias de poder que privilegiam certos grupos e sujeitos em detrimento de outros” (ISRAEL, 2019, p. 339).

Nessa correlação entre ciberespaço, cibernética e verticalidades, para que o antifascismo possa lidar com os populismos da extrema-direita e suas facções suburbanas fascistas engajadas em tomar as ruas para banir as organizações democráticas neoliberais e seu aparato estatal (que de certa forma ainda é interessante para as lideranças *quasifascistas*), há a necessidade de contestar os espaços que de certa forma já estão ocupados pelas diferentes tendências da direita. A partir de então faça a questão do espaço um argumento primordial para destruir o fascismo e avançar para modos de organização sociais diretamente democráticos e ecológicos. Hesitar não é a escolha mais adequada, pois as “organizações extremistas estão usando a Internet como uma ferramenta para mobilizar as pessoas para as ruas” (JONES, 2016, p. 21).

Na emergência de derrotar os fascistas nos diferentes espaços sociais, Burley explica que

o espaço contestado é compartilhado por partidos opostos, e embora haja muito espaço cultural (e demográfico) que fazem parte dessa batalha, todo espaço é realmente espaço contestado. Os bairros; o ginásio; a escola; a conversa; o espaço mental, emocional e espiritual. E se você quiser vencer, os fascistas não podem ter nenhum deles (BURLEY, 2021, p. 150).

Então o ciberespaço, que pode ser “utilizado para finalidades políticas” (ISRAEL, 2019, p. 342) está, ao mesmo tempo, preso num momento de alcance inimaginável das possibilidades de se forjar um apelo às massas assim como servir para a criação de espaços de resistência de movimentos antifascistas. Embora a velocidade de transporte da informação embutida nas mídias digitais acabe passando por contínuos processos de obsolescência programada. Ciberespaço este que está a se transformar num ponto de encontro dos mais diferentes assuntos de ordem nacional – nas mais diferentes nações – de forma a redesenhar a democracia representativa para tanto a manutenção do status quo quanto criar novos paradigmas de tensão entre as alianças ideológicas da direita sem forma dinâmica, segundo Paxton.

Portanto a Internet com sua nova geração de mídias digitais vai exercer ainda mais uma “expressão do poder espacial do meio técnico-científico-informacional” (ISRAEL, 2019, p. 196) a ser explorada pela estética de metapolíticas do núcleo incendiário do fascismo. Haverá pontos de encontro entre os segmentos da extrema-direita que permitirão uma verossimilhança de revisionismos extremistas explicitamente propagados no ciberespaço, suficientes para gerar imensa repulsa dos inúmeros militantes antifascistas dedicados a combater firmemente os discursos de ódio e infiltrações dos fascistas no sistema político. Uma visibilidade proeminente nos dias atuais que, segundo Paxton, existe dentro de todos os países democráticos na forma de criação de movimentos fascistas.

6. Conclusão

Há de se afirmar que a mobilização dos movimentos fascistas atuais está aquém daquela que ocorreu em seu período de surgimento na Europa do período entre guerras. Isto se verifica na medida em que todos os cinco estágios de Robert O. Paxton foram atingidos naquele período (quando se fala do caso alemão) em contrapartida deste momento atual, que se caracteriza por apenas tentar implementar os dois primeiros estágios iniciais.

Isso se verifica na medida em que os estágios um e dois de Paxton – a criação de movimentos fascistas e um enraizamento no sistema político – estão em

desenvolvimento uma vez que principalmente a irracionalidade e obsessão hierárquica despontam como posturas dentro de movimentos fascistas com o objetivo de abrir “espaço entre os outros partidos em conflito ou grupos de interesse e persuadir as pessoas influentes de que poderiam representar seus interesses e sentimentos e realizar suas ambições melhor do que qualquer partido convencional” (PAXTON, 2005, p. 55).

Na observação tanto das origens quanto do desenvolvimento do fascismo, uma na qual há terrenos férteis e propícios para germinação, desponta coletivamente uma tríade de “novos valores antiliberais elegantes, o nacionalismo e o racismo mais agressivos e uma nova estética do instinto e da violência [que] começaram a fornecer um húmus intelectual-cultural” (PAXTON, 2005, 32) para as classes sociais disparatadas uma vez que a ameaça de dissolução da ordem nacional está como argumento e justificativa dos fascistas em suas buscas para organizar o Estado fora das mazelas do liberalismo, conservadorismo e comunismo. Não apenas as estruturas sociais, políticas e econômicas devem ser mantidas por meio do Darwinismo social como os antagonismos presentes na sociedade metamorfoseiam-se em bodes expiatórios responsáveis pelos dilemas ideológicos que a visão estéril de nacionalismo extremo dos líderes fascistas deve vencer.

O projeto fascista e da extrema-direita compor-se-á num cenário cujo tema central é o de uma avalanche, de forma a não haver impedimentos para a sua concretização através de uma “violência mais persistente, mais sempre presente, sempre pronta para transbordar e tirar vidas” (BURLEY, 2021, p. 199).

São vários os exemplos dessa assertiva, sendo desde o ataque fascista na cidade de Charlottesville em 2017 levando a morte de Heather Heyer e ferindo dezenove, (BURLEY, 2021, p. 115-123) as inúmeras atrocidades fascistas passadas e presentes, além de se perceber que há um projeto de produção literária comprada online ajudando a fomentar “o crescimento do Alt Right e pode ajudar a solidificar uma ideologia fascista em uma pessoa que pode ter apenas uma fascinação passiva por blogs de extrema direita ou vídeos do YouTube” (BURLEY, 2021, p. 165).

Desde as origens do movimento fascista, a capacidade de se enraizar no sistema político tem sido uma estratégia fundamental para o seu sucesso. Os sucessos obtidos na região do Vale do Pó na Itália em 1920-22 e o apoio dado pelo estado federal de Eslésvico-Holsácia nas eleições de Julho de 1932 na Alemanha mostram que no início os programas fascistas não tinham determinada essência até mesmo não a encontrava na rebeldia antiburguesa fascista, dessa forma é importante identificar a trajetória dos

fascistas à medida que eles encontravam um espaço político e se adaptavam a ele (PAXTON, 2005, p. 64).

Desde formar alianças com setores da direita até adotar táticas para seduzir o eleitorado rural, as estratégias adotadas têm mostrado que os fascistas “lucraram com o descrédito dos partidos tradicionais, inventando novas técnicas eleitorais e direcionando apelos a constituintes específicos” (PAXTON, 2005, p. 65).

Mas nem por isso eles ganharam a maioria dos votos ou deixaram de travar disputas acirradas com os socialistas na obtenção de cadeiras dos parlamentos. E até mesmo observaram o empresariado apoiar mais os conservadores do que eles. Para tanto, os fascistas dispuseram de informações secretas para tomar as medidas necessárias no “dia D” e na “hora H”, de forma a vencer a insurreição comunista (como o próprio general do Exército Brasileiro e secretário de estudos estratégicos da SAE/PR Eduardo Pazuello chegou a pronunciar).

Dessa forma, buscam corrigir os erros do passado, e encontram saídas ao direcionar seus esforços em uma luta identitária. Uma em que o modelo organizacional no século XXI faça com que os fascistas estejam

menos focados eleitoralmente, ao invés de desenvolver numerosos movimentos de massa que jogam com os mesmos impulsos que a esquerda joga, e usando meios culturais, sociais e artísticos como um ponto de luta. De certa forma, as condições da Internet e a fragmentação da organização política que a esquerda viu nos últimos vinte anos foram agora assumidas pela extrema direita, e então uma guerra cultural assimétrica está ocorrendo nas rápidas mudanças em cidades Europeias e da América do Norte (BURLEY, 2021, p. 166).

Movimentos antifascistas pelo mundo demonstram uma certeza de que, com o fascismo, existe a necessidade de analisá-lo de forma coerente e objetiva para que possa ser combatido com eficácia. Um exemplo é a luta do povo curdo através do Partido dos Trabalhadores do Curdistão – Partîya Karkerên Kurdistanê, ou PKK.

Sendo a maior etnia sem estado da humanidade, os curdos estão espalhados numa área abrangente entre a Turquia, Síria, Iraque, Irã, Armênia e Geórgia, numa população mais de 35 milhões de pessoas. Mas sua maior fração populacional encontra-se na Turquia de Recep Tayyip Erdogan.

Seguindo a tendência de extrema-direita de líderes como Trump ou de partidos fascistas Europeus, Erdogan simplesmente considera como ameaça a etnia curda e “brutaliza a região autônoma do nordeste da Síria” (BURLEY, 2021, p. 209) onde o povo curdo, a partir das ideias revolucionárias do seu líder e fundador do PKK Abdullah

Öcalan, luta pela sua autonomia por meio do confederalismo democrático. Erdogan, além de manter Öcalan preso na ilha de Imrali na Turquia, não tenta manter com o povo curdo uma relação de nação que tolera ambas as partes e, ao invés disso, escolheu a “mais moderna das ferramentas genocidas: fósforo branco” (BURLEY, 2021, p. 209).

O lado curdo da guerra civil na Síria perdeu forças quando os EUA saíram do conflito, e a partir de então Erdogan pôde trabalhar novas abordagens “na forma de rebeldes Jihadistas, bem como ataques aéreos constantes” (BURLEY, 2021, p. 209) o que colocou a escalada de tensões no Curdistão¹⁴ num novo patamar de ofensiva do estado turco. No entanto, as propostas de uma sociedade revolucionária a partir dos curdos através do confederalismo democrático de Öcalan, inspirado nas ideias do anarquista americano Murray Bookchin (1921–2006), “junto com os conselhos comunitários que há muito fazem parte da cultura curda” (BURLEY, 2021, p. 209) trazem uma transitoriedade social nessa região entre fronteiras da Ásia Ocidental que

está tentando se afastar do patriarcado entrincheirado, por meio da emancipação intencional das mulheres; longe do capitalismo neoliberal, por meio do empoderamento de cooperativas e do desenvolvimento de recursos comunitários; e em direção a uma sociedade dirigida por estruturas de democracia direta (BURLEY, 2021, p. 209-10).

Se por um lado as forças conservadoras e *quasifascistas* que permanecem objetivando obter o poder do estado agem na ofensiva e mantêm as estruturas de opressão e organização social fundamentalmente machista, por outro lado os grupos sociais e etnias que sabem trilhar o caminho da verdade e da liberdade e não aceitam a produção da guerra e da catástrofe climática como enredos fatalistas do globalismo, há uma clara discordância na ideologia do estado que pode tanto servir ao capitalismo liberal quanto autoritarismo estatal – como se costuma desejar no fascismo. O problema dessa dinâmica é que, ao se verificar os esforços comunitários de democracia direta, eles “permanecem em fluxo; eles estão, como acontece com qualquer revolução em processo, ainda se encontrando” (BURLEY, 2021, p. 210).

Tais processos permitem que se possa “assistir a uma visão anarquista (de algum tipo) acontecer no mundo real” (BURLEY, 2021, p. 210). Para tanto, colocar a classe trabalhadora em posição de combate contra as diferentes forças de opressão da burguesia/estado/fascismo não deveria ser um trabalho árduo. Deve sim, ser uma mobi-

¹⁴) Região comumente associada à etnia curda que se localiza entre os estados da Turquia, Síria, Iraque, Irã, Armênia e Geórgia.

lização constante e programática para que as lutas contra a carestia sejam vencedoras e a população possa viver tanto os ideais de um novo socialismo revolucionário quanto do anarquismo. E esse é um trabalho que exige uma luta constante e organizada para não permitir que forças autoritárias imponham a dominação efetivamente.

Tal trabalho está ganhando campo em todo lugar. Especialmente no Brasil, as jornadas de Junho de 2013 no Brasil provaram ser vencedoras na medida em que protagonizaram uma relativa habilidade de mobilizar os trabalhadores. Portanto, a esquerda deve ser plural e ampla para que as mobilizações sejam constantes e, enfim, atingir seus objetivos de emancipação da classe trabalhadora e de uma sociedade igualitária e diretamente democrática. Se a insurreição de Junho de 2013 lutou por isso então a luta foi válida e não pode acabar.

7. Referências

- BULLOCK, Allan. Hitler A Study In Tyranny. New York: Harper Torchbooks, 1964.
- BERARDI, Franco. After the Future. Oakland: AK Press, 2011.
- BURLEY, Shane. Fascism Today What It Is And How To End It. Chico: AK Press, 2017.
- BURLEY, Shane. Why We Fight Essays on Fascism, Resistance, and Surviving the Apocalypse. Chico: AK Press, 2021.
- CORSKE, Mark. Engines of Domination Political Power and the Human Emergency. Talpa: Mark Corske, 2011.
- COSTA, Wanderley M. Geografia Política e Geopolítica. São Paulo: Edusp, 2010.
- DIAS, Adriana Abreu Magalhães. Anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo, 2007.
- DIAS, Adriana Abreu Magalhães. Observando o ódio: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo, 2018.
- FARRELL, Joseph P. Nazi International The Nazis' Postwar Plan to Control Finance, Conflict, Physics and Space. Kempton: Adventures Unlimited Press, 2008.
- GOLDSTEIN, Bernard. Five Years in the Warsaw Ghetto. Oakland, Edinburgh: Nabat/AK Press, 2005.
- GOODRICK-CLARKE, Nicholas. BLACK SUN: Aryan Cults, Esoteric Nazism and the Politics of Identity, New York; London: New York University Press, 2002.
- GRIFFIN, Roger. The Nature of Fascism. New York: Routledge, 1993.
- ISRAEL, Carolina Batista. Redes digitais, espaços de poder: sobre conflitos na reconfiguração da Internet e as estratégias de apropriação civil. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- JONES, Shannon. Mapping Extremism: The Network Politics of the Far-Right. Dissertação, Georgia State University, 2016.
- Acesse: https://scholarworks.gsu.edu/political_science_diss/42
- KERSHAW, Ian. Hitler 1939-1945 Nemesis. New York: W. W. Norton & Company, Inc., 2000.

KROPOTKIN, Peter. *Ethics Origin and Development*. Montreal: Black Rose Books, 1992.

LYONS, Matthew N. *INSURGENT SUPREMACISTS The U.S. Far Right's Challenge to State and Empire*. Montreal: Kersplebedeb Publishing and Distribution, 2018; Oakland: PM Press, 2018.

MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MELLO, Patrícia C. *A Máquina do Ódio Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MOSSE, George L. *The Crisis of German Ideology Intellectual Origins of the Third Reich*. New York: Schocken Books Inc., 1964.

PAXTON, Robert O. *The Anatomy of Fascism*. New York: Vintage Books, 2005.

PAYNE, Stanley G. *A History of Fascism 1914-1945*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1995.

PAYNE, Stanley G. *Fascism Comparison and Definition*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1980.

ROSS, Alexander R. *Against the Fascist Creep*. Chico: AK Press, 2017.